

DOI: <https://doi.org/10.29327/560891.1-2>



Sentidos do Campo: *storytelling* antropológico e experimentação sonora

Paula Lacerda

Carolina Parreiras

Introdução

Sentidos do Campo é um produto que surgiu da nossa experiência com o Campo: um *podcast* de Antropologia, que realizamos, em conjunto, desde 2020. Em publicações anteriores (LACERDA; PARREIRAS, 2020; PARREIRAS; LACERDA, 2021), apresentamos o histórico, bem como as principais questões que motivaram a criação do Campo, o nosso *podcast*. Para aproveitarmos o máximo do nosso espaço nessa coletânea, não iremos resgatar novamente esse contexto. No entanto,

vale dizer que o Campo surge no âmbito de uma disciplina de pós-graduação e com o propósito de oferecer, frente à pandemia e à suspensão das atividades presenciais, uma alternativa para o ensino de antropologia, nesse caso, por meio de um artefato digital que é o *podcast*.

Assim, sua proposta está muito ligada aos eixos educação e divulgação científica, como também a de outros *podcasts* de ciências sociais e humanas (AGUIAR; SANTOS, 2020; BAZZO, 2021; PINHEIRO, 2020; FLEISCHER, 2020; FLEISCHER; MANICA, 2021; FLEISCHER; MOTA, 2021). No nosso caso, mesmo depois de desvinculado de uma disciplina formal, ainda nos concentramos na apresentação de autorias e de suas obras, contando também com um grupo de estudos para discussão das obras e prévio ao *podcast*. Em Sentidos do Campo, nossa proposta gira entre eixos distintos e menos formais: experimentação, etnografia e *storytelling*.

Nesse texto, nosso principal objetivo é compartilhar nossas apostas e percepções sobre a narrativa antropológica - ou *storytelling* antropológico, como propõem autores como Webster (1983) e Taussig (2004, 2006, 2011, 2015) - mediada por sons e vozes. Ou seja, partimos do princípio de que a construção de uma narrativa em Antropologia é algo fundamental na prática da disciplina. No entanto, apesar de ser fundamental, a chamada “descrição etnográfica” não segue formas fixas de ser feita, não havendo uma cartilha, e muitas vezes desperta dúvidas em quem inicia a formação nessa área. Dentro do próprio campo antropológico, muitas são as discussões sobre o fazer etnográfico e, conseqüentemente, sobre no que consistiria a realização de uma etnografia. A descrição etnográfica, ainda, pode gerar dúvidas em quem não tem formação em Antropologia, pois, afinal, qual seria a especificidade dessa forma de descrição? No que ela se diferenciaria, por exemplo, da narrativa jornalística?

Nas próximas páginas, não apresentaremos fórmulas nem definições fechadas, pois acreditamos que esse não seja o caminho. Argumentaremos em favor de uma aposta na centralidade da experiência e no caráter “adaptável” e “incremental” (HINE, 2020) da etnografia. Buscaremos compartilhar algumas reflexões sobre a descrição etnográfica de um campo de pesquisa por meio de *podcast*. Embora explorar o tema da narrativa etnográfica não seja novidade na disciplina, uma vez que já foi tema de reflexões de antropólogos experientes (GEERTZ, 1978; CLIFFORD, 2008; ABU-LUGHOD, 2018), acreditamos que uma contribuição

especial da nossa proposta seja pensar a narração de nossas pesquisas a partir dos sons que escutamos, incorporamos e produzimos durante o trabalho de campo.

E, a partir das sensações e percepções mais subjetivas, em grande medida construídas, também, por materiais sonoros: quais são as primeiras impressões que formamos sobre nossos contextos de pesquisa? Como essas sensações nos afetaram e como elas mudaram ao longo do tempo? Como é possível realizar uma releitura de pesquisa de campo a partir da representação sonora, um tipo de sentido que nem sempre aparece nos textos de dissertações, teses e artigos? Quais os desafios e implicações de realizar de forma coletiva este experimento, em que os sons e vozes funcionam como narrativa etnográfica e forma de representação? Pensar sobre essas questões foi a proposta de nossa experimentação com o quadro Sentidos do Campo, que até o momento possui uma temporada, com cinco episódios.

A feitura de Sentidos do Campo: questões práticas e escolhas éticas

Conforme já mencionado, Sentidos do Campo surge da nossa experiência prévia com a produção de *podcasts* e a partir de conversas suscitadas pelo apreço de ambas as autoras por *podcasts* narrativos¹, especialmente por aqueles que buscam experimentar com o formato, com a montagem, com o roteiro ou mesmo com a edição. Veio daí a decisão de criar um “produto derivado”² (PARREIRAS; LACERDA, 2021) que se convertesse em um *storytelling* antropológico a partir da experimentação sonora. Desse modo, foram meses de pesquisa e testes em que buscamos modos de construir uma narrativa etnográfica mediada por sons, alguns deles registrados durante a pesquisa de campo e outros que vieram de uma releitura e redescoberta do material etnográfico, o que foi feito em dupla, de forma partilhada e realizada anos depois da realização da pesquisa. Assim, decidimos que a experimentação começaria com as pesquisas realizadas por Paula Lacerda há mais de 10 anos, na cidade de Altamira, no sudoeste do Pará.

O material etnográfico que trabalhamos para a produção dessa temporada de Sentidos do Campo foi produzido entre 2008 e 2012, no contexto da pesquisa

1 Como mostram Santos e Peixinho (2019), a produção de *podcasts* narrativos de não ficção, especialmente os jornalísticos, começou a ser feita de maneira mais difundida a partir de 2014. No entanto, ao longo de sua argumentação, deixam claro o quanto o modelo narrativo em *podcasts* pode ser remontado ao período de auge da contação de histórias no rádio.

2 Ou *spin-off*, como mostra Magalhães (2021).

de doutorado sobre o “caso dos meninos emasculados de Altamira”, consistindo de documentos produzidos por órgãos públicos, entrevistas com diversos agentes e também observações etnográficas sobre a própria cidade onde o “caso” ocorreu. Falar do rio Xingu e da Transamazônica foram formas que familiares das vítimas, especialmente as mulheres, utilizaram para falar de sua própria história, bem como sobre seus meninos: quando e porque chegaram na cidade, se gostavam de nadar no rio, tomar banho no igarapé, que vendiam salgadinhos na rua, engraxavam sapatos na porta do mercado.

Assim, mais do que um “contexto”, a partir de narrativas sobre a cidade de Altamira, percebemos as possibilidades de explorar as múltiplas sensações e sentidos desse trabalho de campo. Desejamos enfatizar as formas como essas sensações não são elementos “marginais” à pesquisa, mas revelam aspectos importantes sobre as percepções das pessoas interlocutoras, da pesquisadora e, por isso, conduzem a própria investigação. São essas sensações - e o sentido delas - que tentamos expressar na produção dos episódios, tanto na narrativa quanto na edição, o que fizemos apoiadas na experiência de pesquisa da primeira autora e na releitura dessa experiência pela segunda autora, que é uma pessoa externa à pesquisa de campo.

Como se vê, para a produção de Sentidos do Campo, desenvolvemos outras estratégias de produção e pesquisa, algo diferente da experiência que já havíamos acumulado com a produção do Campo. Em termos de edição, no Campo, criamos um modelo específico que é utilizado para todos os episódios, com pequenas variações em alguns deles. Já em Sentidos do Campo, ter que revisitar um conjunto bastante amplo de materiais exigiu mais sistematicidade e controle. Foi necessário realizar testes, experimentar com sons e buscar materiais em áudio que pudessem ser agregados. Inicialmente, planejamos a estrutura dos episódios, que deveria, ao mesmo tempo, dar conta de apresentar a pesquisa realizada, evidenciando os sentidos, as sensações, as nuances, as transformações e o percurso da pesquisa que levou a outras questões, algumas já desenvolvidas em artigos e apresentações e outras ainda em desenvolvimento. Desse esforço inicial e a partir dos eixos temáticos pensados pela primeira autora, foram planejados cinco episódios.

O primeiro episódio, intitulado “A Capital da Transamazônica”, aborda as primeiras impressões da cidade para a pesquisadora e explora como as interlocutorias da pesquisa percebem a cidade onde vivem. O segundo episódio, “o Rio

Xingu”, segue ainda nessa linha, apontando para formas de contar a história da região, e como essa visão é permeada e transformada por processos políticos ao longo do tempo. O terceiro e o quarto episódios, intitulados “O caso dos meninos emasculados”, abordam diretamente o tema da pesquisa desenvolvida em Altamira. Em linhas gerais, o “caso” consiste em um conjunto de crimes praticados contra meninos entre os anos de 1989 e 1993, que envolveram lesão corporal (mutilação do órgão genital e outras), homicídios e tentativas de homicídio.

Inicialmente, não havíamos previsto a realização do episódio sobre o “caso” em duas partes. Isso só foi definido quando avaliamos, em conjunto, que os assuntos a serem trabalhados extrapolariam a nossa expectativa para um episódio, não apenas em termos da duração, mas também em função dos recortes a serem apresentados. A parte 1 do episódio, de certo modo, acompanha o conteúdo que a primeira autora mais descreveu e analisou em sua produção escrita: a multiplicidade de versões e visões em torno dos crimes contra meninos (o “caso” em si), bem como a luta des familiares das vítimas por justiça e reparação.

A parte 2 do episódio, ao contrário, trata de um tema pouco abordado pela pesquisadora em sua produção: o universo das pessoas acusadas, inclusive suas articulações com políticas conservadoras em ascensão. A escolha por não apresentar os materiais relativos as pessoas acusadas em escritos anteriores era uma decisão pensada: ao longo de todos os anos de pesquisa, a pesquisadora optou por conhecer as muitas versões sobre os crimes, mas não dar o mesmo peso a elas. Bem como não conferiu o mesmo peso às trajetórias dos meninos vítimas e suas famílias e às trajetórias das pessoas acusadas (e suas famílias). Mas então, por que essa decisão foi revista? Por que, tantos anos depois, e por meio de um podcast?

Essa decisão, discutida tanto com a correalizadora do podcast quanto com as famílias das vítimas, foi motivada pela avaliação da difusão que esse material poderia ter, com alcance bastante superior a trabalhos acadêmicos escritos e com disseminação também mais rápida. Há anos, a pesquisadora do “caso” é procurada por profissionais da imprensa e da mídia interessadas em realizar reportagens e documentários. Na maioria das vezes, o que dispara o interesse desses profissionais não é tanto o “caso” em si, mas um conjunto de acontecimentos a ele relacionados: a prisão de alguns dos condenados, mesmo quando, supostamente, há um réu confesso, acusado de ser um “*serial killer*”.

Dessa forma, a possibilidade de difundir conhecimento científico sobre o “caso” por meio de uma produção sonora foi compreendida como uma oportuni-

dade para apresentar uma versão contrária e crítica às iniciativas da mídia que acompanhavam a narrativa de políticas conservadoras associadas aos condenados. Com isso, o compromisso com as famílias das vítimas e sua luta se manteve, na medida em que a versão deles sobre essas estratégias foi estruturante das críticas, e foram produzidas algumas respostas aos profissionais da imprensa, aos políticos e demais agentes.

Ressaltamos, com isso, uma outra dimensão do *podcast*: não apenas a disseminação tende a ser maior do que a que alcançamos por meio de produções escritas, mas pode existir um tipo de assunto e de abordagem que ganhe disseminação e escala por meio dessa forma de difusão sonora. Além disso, é possível que exista um público que pode ser mais facilmente alcançado por um *podcast* do que por um artigo acadêmico, ou uma tese de doutorado - algo como serem “pegos pela escuta”. Nossos dados de acesso, fornecidos pelo Anchor, plataforma que utilizamos para distribuição dos episódios nos diferentes tocadores, ajudam a embasar essa afirmação, mostrando que houve grande interesse pelo Sentidos do Campo e, especificamente, pelos dois episódios sobre o “caso”.

O episódio seguinte trata sobre a vida cotidiana de mulheres nos Reassentamentos Urbanos Coletivos. Os RUCs, como são também conhecidos, são novos bairros criados no contexto das transformações urbanas em Altamira. Ao finalizarmos a primeira temporada de Sentidos do Campo com esse tema, oferecemos um relato de uma agenda de pesquisa de mais de uma década. Pretendemos demonstrar como o relato de uma pesquisa permite abordagens diferentes.

Um tema que permeou o processo de elaboração de Sentidos do Campo teve a ver com a exposição de materiais que até poderiam ter sido descritos, mas não haviam sido “mostrados” até então. A escolha de tornar públicos tais materiais significou revisitar os primeiros cadernos de campo, revisitar ideias que às vezes se mostraram equivocadas, ou apostas certas. Ouvir novamente entrevistas realizadas há anos, significou ouvir vozes transformadas pela ação do tempo. Além das vozes que revelam a passagem do tempo, sons de trânsito, de passarinho, de animais domésticos fizeram lembrar onde cada entrevista ocorreu: numa casa perto da beira da estrada, num sítio, numa casa na cidade, numa ONG; bem como se havia privacidade durante a realização da entrevista ou, ao contrário, se o assunto era tratado publicamente, na frente de outros adultos e até mesmo crianças.

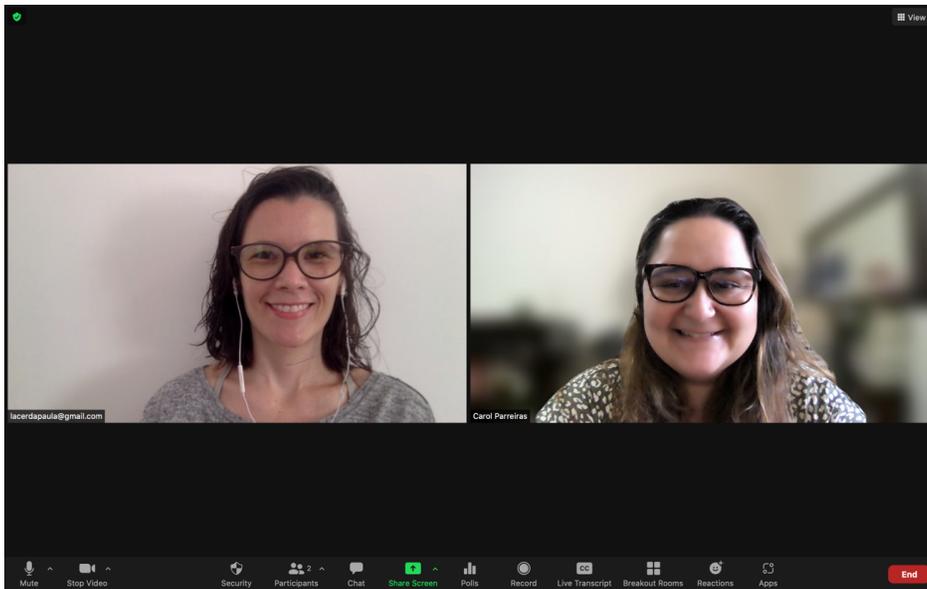


Legenda: local onde a primeira autora realizou boa parte do trabalho de campo e algumas entrevistas. Quintal da casa de Dona Rosa Pessoa, em Altamira. A foto foi postada no Facebook em 9 de maio de 2010 e extraída para integrar esse artigo em 27 de setembro de 2021. Descrição: Um quintal com chão de cimento, plantas e árvores, um banco de madeira estilo “namoradeira” com um cachorro deitado, uma cadeira macarrão na cor roxa e um repelente de mosquitos. Autoria: Carolina Parreiras.

A etapa seguinte do processo de produção consiste na escrita do roteiro. Essa função cabe à primeira autora, uma vez que suas experiências de campo configuram o material base para os episódios. A segunda autora ajuda no processo de elaboração do roteiro, pensando inserções do material já consultado, edições, recortes. Fechado o roteiro, ele é gravado pela primeira autora, que é a narradora, e compartilhado entre as autoras. Em vários episódios convidamos colegas para realizarem a leitura de alguns trechos, apostando na diversidade de vozes.

Em seguida, o episódio começa a ser montado. Há a extração de todos os áudios que serão incorporados (alguns originalmente em vídeo). Nesses áudios, a segunda autora não realiza nenhum tipo de edição, de forma a preservar suas características originais, inclusive imperfeições. A narração em si é submetida a uma rápida edição, apenas para extração de ruídos e normalização para que a amplitude do som fique padronizada.

Durante a montagem, realizada pela segunda autora, o maior desafio é produzir uma leitura do roteiro que permita transformá-lo em um *storytelling* sonoro. Nesse sentido, é um processo de interpretação dos dados de outra pesquisa de modo a torná-lo inteligível por meio deste tipo específico de narrativa. Consequentemente, é algo bastante desafiador e onde o trabalho coletivo mais se sobressai. Quando o episódio está pronto, realizamos o mesmo processo que ocorre com o Campo: ele é hospedado no Anchor e de lá distribuído para oito toca-dores. Divulgamos o lançamento em nossas redes (Instagram, Twitter e Facebook) e, para tal, utilizamos algum registro fotográfico da primeira autora. Para indexar nosso conteúdo dentro do universo de dados das plataformas e impulsionar sua divulgação, utilizamos um conjunto de *hashtags* com ligação com o episódio. No nosso *site*, publicamos outras fotografias de Altamira, juntamente com o *player* do Spotify (que concentra hoje 87% de nossa audiência).



Legenda: *print* de tela do Zoom, em que se realizava uma conversa entre as duas autoras. *Print* registrado no dia 03/09/2021. Descrição: As duas autoras apresentadas dentro de quadrados do Zoom. Paula Lacerda tem cabelos pretos soltos, usa fone de ouvido e óculos, veste uma blusa cinza. Carolina Parreiras tem cabelos pretos com luzes, usa óculos e veste uma blusa verde e branca. Autoria: Carolina Parreiras.

Storytelling antropológico e experimentação sonora

Walter Benjamin (1987), em seu célebre e importante ensaio “O narrador”, problematiza, a partir da obra do escritor russo Nikolai Leskov, a importância da narrativa. Ele começa o ensaio afirmando, de forma contundente, que estaria em “vias de extinção” a figura do narrador, aquele que domina a arte de narrar histórias e que comunica experiências, sejam as suas ou as que ouve de outras pessoas. Estas experiências, de acordo com ele, são o ponto central da narrativa (a oral sobretudo) e serão incorporadas, a partir da escuta, às experiências dos ouvintes. Ele afirma ainda que é quando se trabalha - “fia ou tece” - que a narrativa se torna mais viva para os ouvintes. Este ponto será retomado posteriormente por Taussig (2020), ao mostrar o quanto o ato de ouvir rádio (e podcasts) está associado à execução de tarefas banais do cotidiano, como lavar louças ou dirigir. Nestes momentos, a mente estaria mais aberta às narrativas e a gravá-las (e é de fato uma pena que não tenhamos estudos ou levantamentos sobre a recepção de podcasts nesta perspectiva).

O mesmo Benjamin (2020) adota esta premissa em suas histórias de rádio para crianças, nas quais apresenta diferentes lugares e acontecimentos da cidade de Berlim, tanto do presente quanto do passado, rememora seus tempos de menino, cria histórias fantásticas sobre ciganos, bandoleiros e outros personagens, ou mesmo conta sobre fenômenos da natureza como enchentes e terremotos. Ao apostar na oralidade, torna-se ele mesmo o *storyteller*, um artesão que compõe a narrativa, que compartilha a experiência e que domina esta arte.

É interessante pensar as afirmações de Benjamin contemporaneamente e frente à contínua expansão da internet e das formas de conexão. Ao contrário do que ele temia, não houve exatamente a morte da narrativa, mas uma proliferação de formatos e modos de narrar, com apropriações por vários atores sociais. Autores como Page e Thomas (2011) e Alexander (2012) vêm explorando, por exemplo, o modo como as novas tecnologias de comunicação e informação têm sido apropriadas para a composição e criação de outras formas de narrar e para modificação de modos já existentes. Esse conjunto de formas de contar histórias a partir das variadas ferramentas digitais pode ser chamada de *storytelling* digital (Alexander, 2012). O podcast, enquanto artefato digital, seria uma dessas formas.

Ainda em relação às narrativas, Taussig (2006, 2011) é uma referência importante para pensarmos a centralidade que o ato de narrar tem na antropologia.

Na abertura do livro *Walter Benjamin's Grave* (2006), ele define o *storytelling* como uma forma de análise, indissociável da escrita, do trabalho de campo e da “intensa curiosidade” que move a/o antropóloga/o. Em um ensaio posterior (2015), ele avança nesta ideia, mostrando o quanto “criar histórias” envolve um trabalho quase artesanal em torno da experiência, que requer a coordenação de “mãos, alma e olhos” (p. 30).

Assim, utilizamos a noção de *storytelling* inspiradas por essas ideias e buscamos, por meio da tecnologia, construir uma forma de narrativa, ao mesmo tempo, antropológica, experimental e sonora. Algo bastante discutido desde a década de 1980 é o chamado “fazer etnográfico”. Clifford Geertz (1978) afirma que a cultura de um povo é como um conjunto de textos que podem ser decifrados como códigos, dissecados como um organismo, ordenados como um sistema (p. 210). A metáfora entre cultura e textos, apesar de suas limitações, é uma inspiração para nosso experimento que envolve formas de comunicar experiências por meio de sons. Embora o autor se refira a narrativas escritas, a característica mais fascinante da etnografia (e do fazer etnográfico) é seu caráter experimental e sempre aberto. É isso que garante a possibilidade de “criar histórias” em diferentes formatos (diários de campo, desenhos, vídeos, sons ou mesmo uma mistura de tudo isso) e a partir, sobretudo, do foco na experiência - a das pessoas que encontramos em campo e as nossas - e da busca constante de “um modo de conhecer” (TAUSSIG, 2015).

Conclusões

Como argumentamos, consideramos o Sentidos do Campo como um experimento sonoro por meio do qual buscamos transmitir a ideia da multiplicidade de sentidos e de vozes que compõem o trabalho de campo em Antropologia e suas descrições. Apostamos em comunicar essa experiência como forma de lançar reflexões sobre algo que às vezes aparece de forma naturalizada em nossas falas, nossa escrita e até mesmo em nossa atividade que é a “descrição etnográfica”.

Associando narrativa antropológica e materiais de pesquisa em áudio e outros sons, nos sentimos encorajadas para falar sobre a pesquisa e a descrição como sendo algo em contínuo processo de construção, interpretação e montagem. Consideramos que, mesmo algo que ocorreu no passado e já possui um conjunto de narrativas, aparentemente consolidadas, continua sujeito a novas interpretações. Assim, buscamos apontar uma contribuição importante da Antropologia

que é possuir instrumentos para compreender, registrar e analisar transformações sociais, ainda que, à primeira vista, algumas dessas transformações – e, conseqüentemente, as pessoas que estão envolvidas nelas – sejam consideradas irrelevantes ou mesmo invisíveis.

Com o uso das tecnologias, dos variados sons e vozes e de modo partilhado (e, por que não dizer, artesanal?), buscamos construir uma forma de *storytelling* que desse conta de um conjunto de experiências vivenciadas em campo. Ao apostar na centralidade da narrativa, tentamos “criar histórias” e transmiti-las em formato sonoro, evocando uma infinidade de sensações que envolvam e ouvintie.

Contudo, reconhecemos que uma parte do que exploramos aqui – sentidos e sensações, daí nossa inspiração para o título do produto derivado do Campo, – não precisariam, necessariamente, serem abordados por meio de uma narrativa sonora. Sem dúvida, é também possível escrever sobre como o corpo reagiu a estar em uma cidade diferente, sobre quais são as memórias, inclusive sensoriais, que marcaram o trabalho de campo. No entanto, nesse artigo buscamos argumentar que ler sobre experiências pessoais é diferente de poder ouvi-las. Apostamos que se trata de um modo diferente de partilha em que e espectadorie é convidade para esse campo de pesquisa, podendo ouvir também parte do que a pesquisadora ouviu, e sentir sensações próximas ou não às que a pesquisadora sentiu e descreveu. Com a escuta dos episódios, é possível ainda acessar a narrativa, elaborada em conjunto, pelas duas autoras, realizadas no momento da montagem. A narrativa que é apresentada para ouvinties, desse modo, é produto de uma reflexão e trabalho conjuntos.

Enquanto, como dissemos, os desafios da primeira autora consistiram em revisitar o material de pesquisa, expor algo considerado como “íntimo” e mesmo se dispor a apresentar outras narrativas sobre aquilo que lhe era tão próximo, no caso da segunda autora, o desafio foi trabalhar em um material de outra pessoa e de dar a ele a forma de podcast. Algo que, para pessoas com outras formações (pensemos nas montadoras de filmes, por exemplo) é cotidiano, na antropologia, mesmo em pesquisas coletivas, orientação ou editoria de textos, não é tão usual.

Assim, concluímos que a nossa posição é também a posição de ume ouvintie, que cria suas próprias interpretações a partir do que escuta e é isso que há em comum entre todes nós: quem registrou ou produziu o material, quem o reescutou anos depois, quem o escutou para debater e editar, quem escutou o episódio depois de publicado.

Realizar a edição de um podcast, como também ouvi-lo, requer estar aberta a ser surpreendida pelas vozes, pelos sons e pelos muitos ruídos dos materiais compartilhados sobre os quais se trabalha. Se nós, que produzimos, experienciamos a construção desafiadora de criar uma história a partir de outras histórias, entendemos que a escuta também cria as suas próprias interpretações e conexões. Isso lembra bastante a proposta de Benjamin, de que a escuta de narradores cria relação: “quem escuta uma história está em companhia do narrador”. É essa companhia que buscamos tornar possível com Sentidos do Campo.

Referências

ABU-LUGHOD, Lila. A escrita contra a cultura. *Equatorial*, v. 5, n. 8, jan./jun. 2018. p. 193-226.

AGUIAR, Lisiane Machado; SANTOS, Luan Correia Cunha. Podcasting Macunaíma: estética antropofágica na experiência de adaptação da obra de Mário de Andrade. *Pensares em Revista*, v. 18, n. 1, 2020. p. 106-125. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/47911/33317>. Acesso em: 20 abr. 2021.

ALEXANDER, Bryan. *The new digital storytelling. Creating narratives with new media*. Santa Barbara: Praeger, 2012.

BAZZO, Juliane. Fazer etnografia na pandemia: propagandas caminhos possíveis via ondas sonoras. Comunicação. *Teaching and Learning Anthropology Network Webinar - Teaching and Learning Anthropology during the Pandemic*, 2020. Disponível em: <<https://radiokerekere.org/2021/03/19/fazer-etnografia-na-pandemia-propagando-caminhos-possiveis-via-ondas-sonoras/>> Acesso em: 3 jul. 2021.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987

BENJAMIN, Walter. *A hora das crianças. Narrativas radiofônicas*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2020.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008.

FLEISCHER, Soraya. Professoras usam o podcast para divulgar a Antropologia. *Entrevista*, 2020. Disponível em: encurtador.com.br/loqEW. Acesso em: 19 abr. 2021.

FLEISCHER, Soraya; MANICA, Daniela Tonelli. Ativando a escuta em tempos pandêmicos. In: GROSSI, M. P.; TONIOL, R. (orgs.). *Cientistas sociais e o Coronavírus*. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. 47-51.

FLEISCHER; Soraya; MOTA, Julia Couto da. Mundaréu: um podcast de Antropologia como uma ferramenta polivalente. *GIS: gesto, imagem e som*, v. 6, n. 1, 2021. p. 1-21. Disponível em: encurtador.com.br/inpuG. Acesso em: 18 abr. 2021.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HINE, Christine. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. *Cadernos De Campo*, São Paulo, v. 29, n. 2, 1991. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe181370>. Acesso em: 27 set. 2021.

LACERDA, Paula; PARREIRAS, Carolina. Podcasts as a teaching and learning tool in Anthropology. *Teaching Anthropology, A Journal of the Royal Anthropological Institute*. Disponível em: <https://www.teachinganthropology.org/> Acesso em: 27 set. 2021.

LACERDA, Paula. *Meninos de Altamira: violência, luta política e administração pública*. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

MAGALHÃES, Milena da Silva. *“Falando sobre vida renal”: cronicidade, subjetividade e legitimação em um podcast de saúde*. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Medicina Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

PAGE, Ruth; THOMAS, Bronwen. *New Narratives. Stories and storytelling in the digital age*. Lincoln/London: University of Nebraska Press, 2011.

PARREIRAS, Carolina; LACERDA, Paula. Tecnologia, educação e divulgação científica em antropologia: usos, consumos e produção de podcasts. *Novos Debates*, v. 7, n. 1, 2021.p. 1-15. Disponível em: <http://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/177/93> Acesso em: 27 set. 2021.

PINHEIRO, Patrícia; FREITAS, Camilla Iumatti; MAUX, Anatil; SACCO, Stephanie; MACHADO, Glauco Fernandes. Desconfinando ideias: reflexões sobre mídias digitais e a circulação do conhecimento antropológico a partir do podcast. *Cadernos de Campo*, v. 29, n.2, 2021. p. 1–21. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/175301>. Acesso em: 25 abr. 2021.

SANTOS, Sílvio; PEIXINHO, Ana. A redescoberta do storytelling: o sucesso dos podcasts não ficcionais como reflexo da viragem. *Estudos em Comunicação*, n. 29, dez. 2019. Disponível em: <http://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/index.php/ec/article/view/555> Acesso em: 27 set. 2021.

TAUSSIG, Michael. *My cocaine museum*. Chicago/London: University of Chicago Press, 2004.

TAUSSIG, Michael. *Walter Benjamin's Grave*. Chicago/London: University of Chicago Press, 2006.

TAUSSIG, Michael. *I swear I saw this. Drawings in fieldwork notebooks, namely my own*. Chicago/London: University of Chicago Press, 2011.

TAUSSIG, Michael. *The Corn Wolf*. Chicago/London: University of Chicago Press, 2015.

TAUSSIG, Michael. *Mastery of non-mastery in the age of meltdown*. Chicago/London: University of Chicago Press, 2020.

WEBSTER, Steven. Ethnography as storytelling. *Dialectic Anthropology*, v. 8, 1983. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF00244429> Acesso em: 27 set. 2021.



Acesse aqui a página do *podcast* Campo na Rádio Kere-kere

Paula Lacerda é antropóloga, professora de Antropologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Estudou Ciências Sociais na graduação, depois Saúde Coletiva no mestrado do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e realizou doutorado em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Produz o Campo, um podcast de Antropologia e pesquisa sobre gênero, estado e mobilização social, especialmente a partir da Amazônia brasileira. *E-mail:* lacerdapaula@gmail.com

Carolina Parreiras é antropóloga, pesquisadora de pós-doutorado do Departamento de Antropologia da Unicamp. Estudou Ciências Sociais na graduação, mestrado em Antropologia Social e realizou doutorado em Ciências Sociais, sempre na Unicamp. Produz o Campo, um podcast de Antropologia e pesquisa sobre gênero, sexualidade, internet e violência. *E-mail:* carolparreiras@gmail.com